

ISSN 0104-7183

2 ANO 1
NÚMERO 2
1995
REVISTA
TEMÁTICA
SEMESTRAL

Horizontes Antropológicos

Antropologia Visual

NÚMERO ORGANIZADO
POR CORNELIA ECKERT
E NUNO GODOLPHIM

PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

1995

Porto Alegre, RS - Brasil

- _____. "L'anthropologie à la recherche de ses images". *Cinémaction*, n. 38, Paris, 1985, p. 52-57.
- _____. "Anthropologie et cinéma". *Encyclopedia Universalis*, Paris, 1985, p. 442-49.
- PRADO, P.; MATTOU, G. e BARBICHON, G. *La ville en partage: sociabilité, identités, territoires dans une ville moyenne*. Paris: Centre d'Ethnologie Française, CNRS, 1985.
- ROUCH, J. "Introduction e La caméra et les hommes". In: DE FRANCE. *Pour une anthropologie visuelle*. Cahiers de l'Homme: Ed. Mouton, 1979.
- VELHO, G. "Observando o familiar". In: NUNES. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- VOGEL, A. *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. Rio de Janeiro: Ed. IBAM.

Antropologia das formas sensíveis: entre o visível e o invisível, a floração de símbolos

Ana Luiza Carvalho da Rocha¹

Resumo

Ao expor o campo conceitual da Antropologia das formas sensíveis, a intenção é de contribuir para a consolidação da linguagem visual no corpo dos estudos etnográficos. O artigo basicamente questiona a produção intelectual do mundo como mera operação objetiva, em alusão à imagem como alegoria racional. Contrariamente, o antropólogo está condenado a avançar na sua narrativa etnográfica a partir do pensamento imagético, aquele através do qual ele adquire maior competência no entendimento da estética que rege a dramática das diversas formas de vida social. Sob esse ângulo, pode-se afirmar que a imaginação criativa orienta e modela a percepção dos dados sensíveis que configuram o mundo social.

Abstract

In examining the conceptual field of Anthropology of sensitive forms, our intention is to contribute to the consolidation of visual language in the bulk of ethnography studies. This article basically questions the intellectual production of the world as a mere objective operation, alluding to the image as a rational allegory. Contrarily, the anthropologist is condemned to advance in his ethnographic narrative through imagetic thinking, through which he acquires greater competence in the understanding of the esthetics which preside over the diverse forms of social life. From this angle, it is possible to affirm that the creative imagination orients and models the perception of sensitive data which make up the social world.

¹ Ana Luiza Carvalho da Rocha é antropóloga do Museu Universitário/UFRGS.

Após o que já foi dito na II Jornada Antropológica, dedicados à análise da imagem na construção do texto etnográfico, penso que pouca coisa de original poderei acrescentar aos diversos depoimentos de meus colegas antropólogos.

No entanto, gostaria de aproveitar minha participação no *Simposium* de Antropologia Visual para falar sobre a “experiência noética”, que revela o recurso da linguagem visual na construção do texto etnográfico.² Trata-se aqui do ponto de vista do olhar de interioridade que a imagem, o imaginário projeta na produção do conteúdo intelectual do conhecimento científico.³

Longe da tentação de captar uma imagem autêntica do universo social, a linguagem visual, quando associada à escritura do texto etnográfico, denuncia-o como construção, revelando que todo o conhecimento dos dados empíricos ordinários pauta-se na “ação de energias mentais do pesquisador”.⁴

Sob esse ângulo da “penetração do espírito na consciência” e da “passagem à reflexão” no âmbito da Antropologia Visual, pretendo situar aqui a tese que afirma ter a imaginação, a partir de sua função fabulatória, um papel não-negligenciável na construção do pensamento antropológico.⁵

Inspirando-me no tema da irrupção da consciência reflexiva nos relatos etnográficos, penso, ao contrário, que são principalmente as motivações simbólicas do pesquisador que lhe permitem transformar os dados sensíveis, obtidos no trabalho de campo, em imagens-objetos de conhecimento para a Antropologia.

Nesse caso, estou valorando positivamente o sentido visionário-especulativo (de penetração no olhar de interioridade daquele que pensa) que reina no ato de construção de uma narrativa etnográfica e o saber que veicula a imagem no discurso científico em Antropologia.⁶

Dessa forma, considero que o corpo da escritura do texto antropológico não pode abdicar das formas simbólicas de conhecimento humano, as quais expressam o ato de assimilação subjetiva do mundo vivida pelo próprio etnógrafo, em seus diversos graus de profundidade.

Disso resulta a importância de se pensar a linguagem visual em Antropologia longe do nominalismo e do realismo com que temos o hábito de “explicar” os dados empíricos e sensíveis da realidade social.⁷

A partir dessas observações, e à luz das influências da filosofia escolástica cristã,

² Inspiro-me aqui nos comentários de Bastide, G. *Essai d'éthique fondamentale*. Paris: PUF, 1971, p.15-39, a propósito da presença de uma interioridade reflexiva que constitui toda a construção do conhecimento humano.

³ A respeito do pensamento científico e suas categorias como produto de um pensamento que opera por imagens, sigo aqui alguns aspectos pontuados por Cassirer, E. *La philosophie des formes symboliques*, vol.III, quanto ao discurso científico como parte integrante das práticas humanas no que tange à construção de formas simbólicas.

⁴ Cf. Simmel, G. *Sociologie e epistémologie*. Paris: PUF, 1984. Parte I, “Questões fundamentais da sociologia”. p.83-163.

⁵ Refiro-me ao pensamento de Durand, G., especialmente à obra *Science de l'homme e Tradition, le “nouvel esprit anthropologique”*. Paris: Bordas, 1979. Em particular, ao capítulo “*Hermetica ratio et science de l'homme*”. Encontro igualmente inspiração na obra de Corbin, H. sobre a hermenêutica espiritual no Islam, *Histoire de la philosophie islamique*. Paris: Gallimard, 1964.

⁶ Insisto, aqui, a partir de inúmeras leituras a propósito da “fantástica transcendental” que rege o fenômeno da memória coletiva, na idéia de que toda a compreensão simbólica no homem não pode ser reduzida a uma *allegorie rationell a l'apparence de la lettre*, mas *transmutation de tout le visible en symboles, intuition d'une essence*, uma vez que ela é, ao mesmo tempo, *connaissance et révélation*, cf. Corbin, H. *L'imagination créatrice dans le soufisme d'Ibn Arabî*. Paris: Aubier, 1993. p. 18-20.

⁷ Retorno à idéia de se pensar a narrativa antropológica como escritura, ou seja, segundo os postulados de uma hermenêutica espiritual, não sendo, portanto, identificada com seu sentido literal e sua aparência exterior, mas com seus níveis de significação.

na formulação da razão científica em sua negação da autonomia noética da pessoa individual⁸, o que se tem colocado freqüentemente às Ciências Sociais é uma reflexão equivocada a propósito da construção da objetividade no momento da produção da unidade significativa interna de um discurso científico baseado num pensamento imagético.

O que sugiro é a importância de se resgatar, neste seminário, o lugar que ocupa a imaginação criadora na construção da própria solidez científica do texto etnográfico. Ou seja, na dimensão transcendente que ela atribui ao indivíduo, sendo condição do ato de compreensão intelectual do mundo e das coisas.

Não sendo especialista na área de Antropologia Visual, mas me definindo como curiosa no assunto, penso que devemos ficar atentos para que a produção e a criação de imagens de modo amplo, como parte integrante do método de reflexão etnográfica não sofram as conseqüências da enfermidade do pensamento racionalista já tão conhecida no âmbito das Ciências Humanas.

Plagiando os comentários de G. Simmel a respeito dos problemas da filosofia da história, eu diria que o rigor sistemático aplicado ao uso da linguagem visual em Antropologia deve conduzir o pesquisador a abandonar a sua subjetividade, mas não sua espiritualidade (*Geistigkeit*) na experiência do objeto, pois é graças a ela que ele a constitui como tal.⁹

Aqueles que acompanharam atentamente a oficina sobre Filmes Etnográficos, coordenada pelo professor Marc Piaux, puderam perceber a forma como a produção de conhecimento no campo da Antropologia Visual reflete a própria construção do simbolismo imaginário, presidindo e organizando, tanto o olhar antropológico sobre o mundo e as coisas, quanto aquele do sujeito “antropologizado”.

Vimos, por exemplo, para além do registro das formas de expressão de vida religiosa, política, cultural ou artística das diversas sociedades humanas - e da sua realidade física, material e histórica - que a imagem é parte integrante do texto etnográfico, denunciando o que existe de desconhecido e inacabado na sua escritura.

Assim sendo, é o caráter “indecifrável” da linguagem visual que configura a imagem-texto etnográfica e que a revela como parte integrante do patrimônio imaginário da humanidade, o que acaba “re-situando” etnógrafo e nativo como sujeitos-sede de representações simbólicas.

Eis por que aponto para a urgência de uma reflexão mais ampla sobre o lugar e o sentido da imagem nas diversas escrituras antropológicas, tendo presente que o cientista opera aí dentro de um universo que não é nem totalmente apreensível pela sua pura percepção intelectual, nem completamente perceptível pelos seus sentidos.

Logo, uma reflexão mais detalhada acerca da dimensão visionário-especulativa contida no uso da imagem na produção do discurso antropológico permite que se reabilite o papel estratégico que sempre se atribuiu à imaginação criadora na construção do conhecimento humano.

Pensar (mais do que repensar, como sugere o título) em reabilitar a linguagem visual na construção de narrativas etnográficas significa, por exemplo, restituir o lugar estratégico que ocupa a consciência imaginante do pesquisador na concepção de formas ricas e férteis, a partir das quais ele modela os dados sensíveis e opacos do mundo

⁸ Refiro-me à cristianização do pensamento aristotélico, a partir de escritos de santo Tomás de Aquino, por exemplo, *A Summa contra os Gentios*, série “Os pensadores”, Abril Cultural, S.Paulo: 1979, p. 57-69 - que propiciou a secularização (o que a ciência vai repetir, dessa vez, em termos de laicização) da gnose espiritual que acompanhava as especulações filosóficas da “razão grega”.

⁹ Cf. Simmel, G. *Les problèmes de la philosophie de l'histoire*. Paris: PUF, 1984.

social na busca de representar a alma interior que habita os acontecimentos exteriores vividos por uma coletividade.¹⁰

No que diz respeito à Antropologia, pode-se supor que a aceitação do simbolismo imaginário como fonte do conhecimento humano permita ao etnógrafo - como sujeito-sede de um pensamento que opera a compreensão do mundo por imagens explorar finalmente, sem pudores, a estética do imaginário que preside seu próprio discurso.

Por isso acredito que muito antes de se repensar a linguagem visual na Antropologia, é necessário que se ensaie, do ponto de vista de um rigor filosófico, um entendimento mais amplo do domínio complexo da significação simbólica da imagem na construção do pensamento científico.

De muitas formas isso implica questionar tanto a demência totalitária da doutrina racionalista, em sua insistência em diferenciar a imaginação de outros modos de consciência, numa tentativa de "purificar" o pensamento humano da poluição das imagens, quanto o delírio de um sensualismo decadente que vê na idolatria dos sentidos os fundamentos do conhecimento humano.

Mais uma vez trata-se de resgatar a unidade e solidariedade espiritual entre pensamento simbólico e significado conceitual no corpo das construções explicativas do discurso antropológico, sem cair na desvalorização cultural do imaginário pelo qual o ocidente judeu-cristão opõe demência e saber racional.¹¹

Faz-se necessário, juntamente com Vico e seus princípios de uma ciência nova,¹² aceitar uma razão poética no homem, rejeitando até certo ponto o apelo à autoconsciência *tout court* contido no cogito da razão cartesiana.

Ou seja, trata-se de pontuar que o cogito conduz ao conhecimento do ser, não sendo a sua ciência. Significa reconhecer que estatuto do pensamento científico reside no fato de que o pensamento humano não tem outro conteúdo que não sejam imagens, expressando-se através do apelo às formas simbólicas.

Isso implica a aceitação da evidência de que o simbolismo no homem se anuncia em outro plano de consciência que não unicamente aquele da evidência racional.

Retornando ao conhecimento antropológico como fruto dos processos de acomodação assimiladora subjetiva do etnógrafo ao mundo e às coisas, é por meio da estruturação simbólica de seu pensamento, inseparável do conhecimento do seu próprio ser, que o antropólogo torna-se capaz de expressar tudo aquilo que é da ordem do visível do mundo social em representação, em última instância, em "formas simbólicas".

Somente por aí pode-se pensar em ampliar a construção do texto etnográfico tendo por base a solidariedade das motivações simbólicas de antropólogo na configuração de categorias de entendimento científicas e na reconstituição dos dados sociológicos.

Retorno ainda uma vez à importância de se refletir sobre a tradição do uso da linguagem visual em Antropologia, a partir do entendimento das conexões existentes entre o pensamento humano e as imagens, ambos considerados como partes inseparáveis

¹⁰ Penso que se trata de retornar as fontes da separação entre as concepções de "verdade revelada" e "verdade lógica" como problema filosófico que se impõe à própria formulação do conhecimento antropológico no contexto do ocidente judeu-cristão, e não somente como problema afeto à compreensão das formas simbólicas que tecem os domínios culturais das "religiões primitivas".

¹¹ A esse respeito, ver Guenon, R. *Orient et occident*, Paris: Editions de la Maisnie, 1987. Cf. igualmente *Le règne de la quantité et les signes des temps*, Paris: Gallimard, 1972.

¹² Ver os comentários de Vico, G. *Ciência nova*, série "Os pensadores". Abril Cultural, São Paulo: 1978, especialmente o livro II, "Da sabedoria poética", p. 65-165.

do trajeto antropológico do homem.¹³ A partir daí, a construção da unidade interna do texto etnográfico com base na linguagem visual pode ser pensada do ponto de vista de uma estética e de uma poética.

Em certa medida estética ou poeticamente configurado nas perspectivas, nas profundidades, nas transparências e nas superfícies imagéticas de uma escritura iconográfica, o campo conceitual da Antropologia Visual não apenas reflete a recusa do realismo do dogma e da "letra", mas discute tal recusa.

Com isso, arrisco a dizer que, ao se falar da linguagem visual em Antropologia, devemos levar mais a sério nossa iniciação ou conversão, como ocidentais habituados a coisificação da imagem, ao sentido visionário-especulativo da imaginação criadora na configuração do intelecto humano.

O fato da narrativa etnográfica se configurar em linguagem visual, "não sendo julgada a partir de sua forma, mas de sua força",¹⁴ pode contribuir para o antropólogo se tornar, sob certos aspectos, o pólo "transgressor" da produção de conhecimento em Ciências Humanas, permitindo, em sua construção intelectual do mundo, o equilíbrio necessário ao realismo da linguagem escrita científica.

Bastaria lembrar aqui os estudos clássicos de Leroi-Gourhan,¹⁵ que apontam as muitas formas com que as representações simbólicas expressas nos instrumentos, nos engenhos e nas técnicas das diversas sociedades humanas reconduzem os dados materiais de uma cultura àquilo que eles simbolizam, àquilo que eles manifestam de humanidade.

Nesse ponto, os estudos clássicos sobre religião, magia e mitologia, no âmbito da tradição antropológica, têm contribuído para que o homem ocidental, branco, cristão e civilizado se curve diante da possibilidade que dê ao entendimento humano perceber o mundo através da poética e da estética de imagens.

Convém ressaltar que, do ponto de vista da delimitação do campo conceitual da Antropologia, a aceitação progressiva do simbolismo imaginário no campo das motivações psicológicas e culturais significou sua recusa em seguir o percurso hegemônico de degradação da figura tradicional de homem que se vinha processando no ocidente judeu-cristão.

A Antropologia que nasce na contemporaneidade não está totalmente comprometida com o racionalismo voluntarista do século XIX, que acabou reduzindo o *panteon* plural da *psiqué* humana à qualidade objetiva dos dados materiais de seu meio ambiente ou à qualidade de sua percepção sensível imediata.

Importante frisar o papel que desempenham os filmes etnográficos, no trajeto de construção do campo conceitual da Antropologia Visual. Configurados como imagens-texto, tais filmes traduzem uma sorte de "anúnciação", ao intelectual mais desavisado, da anterioridade do símbolo sobre toda a significação intelectual acerca do mundo e das coisas. Acabaram provocando, *a posteriori*, uma reflexão profunda na construção ética e estética que funda a própria narrativa do antropólogo.

Desde essa perspectiva, parece útil pensar se é ou não possível, na prática antropológica, visualizar algo sem que se esteja lá onde se vê? Não se pode ser ingênuo

¹³ Cf. Durand, G. *Les structures anthropologiques de l'Imaginaire*. Paris: Dunod, 1984. p.38: "Pour cela il faut nous placer délibérément dans ce que nous appellerons le trajet anthropologique, c'est à dire l'incessant échange qui existe au niveau de l'imaginaire entre les pulsions subjectives e assimilatrices et les intimations objectives émanant du milieu cosmique et social."

¹⁴ Cf. Bachelard, G. *La dialectique de la durée*. Paris: PUF, 1989.

¹⁵ A respeito, ver Leroi-Gourhan, A. *Le geste et la parole*, Paris: Albin Michel, 1964. Em particular, o vol. I, *Technique e langage*.

e não se perceber que tal questionamento em torno da “consciência imaginante” redefina a idéia unidimensional do cogito na produção do conhecimento antropológico.

Se aceitarmos que a produção de uma narrativa visual em Antropologia implica que o intelectual seja apto a operar com uma linguagem que se constitui através das formas, podemos pensar a escritura etnográfica nos termos de uma estética do imaginário, ou seja, um modo de dizer através das imagens aquilo que não pode ser aprendido de outra forma.

Entro agora no segundo ponto que gostaria de tratar na minha intervenção nesse *Simposium*: o tema das repercussões do uso da imagem na narrativa etnográfica, que tendem a provocar o questionamento da crença supersticiosa da objetividade do discurso científico.

Lembro novamente G. Simmel, para quem o ato de se pensar as sociedades humanas se configura eternamente como “o caminho da alma em direção a ela mesma”.¹⁶ Inspirada em tais comentários, faço aqui algumas constatações a respeito do quanto a reflexão intelectual do antropólogo que desvenda a imagem como texto etnográfico não transita somente em torno do tema do mero registro da personalidade empírica e histórica de uma coletividade.

Com isso, quero apontar que a controvérsia de uma epistemologia capaz de refletir sobre o uso da linguagem visual em Antropologia incide diretamente na constatação de que a reflexão intelectual do cientista, capaz de construir a unidade significativa e coerente do texto etnográfico é, ela própria, da ordem de uma estruturação simbólica.

Quanto à pertinência de tais questões nesse *Simposium*, lembro que é sempre útil revisitarmos a epistemologia bachelardiana, que postula ser a atividade criadora do pensamento humano um fenômeno que reside menos no ato de se pensar alguma coisa do que no de se pensar alguém que se pensa.¹⁷

Portanto, ignorando a premissa de que todo pensamento científico opera com imagens, ou, nos termos de E. Cassirer, obedece a esse modelo de formas simbólicas, e se submetendo à doxa de uma interpretação realista das diversas culturas humanas, o etnógrafo corre aí o risco de repetir as leis às quais esta submetida a civilização tecnocrática e racionalista à qual pertence.

No entanto, paradoxalmente, foi na tentativa de registrar e documentar científica e objetivamente as diversas formas de vida social, que o etnógrafo acabou se deparando com a constatação trágica de que a produção do texto antropológico é parte integrante (como a política, a economia, a arte e a religião) de uma produção significativa do mundo.

Nesse ponto, creio que a Antropologia Visual acabou contribuindo para a complexificação do campo de conhecimento do qual ela é oriunda. Mais que qualquer outro cientista social, o antropólogo não consegue ignorar atualmente, na sua prática de registro e produção de imagens, o quanto a coerência material de suas narrativas etnográficas não existe diretamente na realidade, depende do lugar ocupado e do tempo vivido pelo sujeito da enunciação.

Entretanto não podemos desprezar o fato de que, em face das interrogações desse impasse da condição humana, que funda a construção do conhecimento, inúmeras vezes, transpondo o uso da linguagem visual para a produção das narrativas etnográficas, os antropólogos se empenharam, de forma equivocada, na tentativa de libertar o pensamento intelectual do contexto de tensões constitutivas do próprio sujeito homem.

¹⁶ Cf. Simmel, G. *Sociologie e epistémologie*, Paris: PUF, 1984. Parte I, “Questões fundamentais da sociologia”, p. 83-163.

¹⁷ Aponto aqui particularmente a obra de Bachelard, G. *La formation de l'esprit scientifique*. J.Vrin, Paris: 1993.

Infelizmente, a tentação foi, e tem sido sempre, a de se pensar o conteúdo intelectual da imagem no texto etnográfico como forma de conhecimento que independe de uma função fantástica humana, desprezando aquilo que a narrativa etnográfica tem de simbolismo.

Eis aí, para mim (curiosa no assunto), a importância estratégica da Antropologia Visual na formulação do próprio campo de conhecimento das ditas “ciências do homem”. Ela ajuda a desvendar precisamente a feição fabulatória do discurso antropológico, desnudando o processo por meio do qual o etnógrafo transmuta os dados sensíveis e opacos da realidade social em representações e formas simbólicas, transformando os acontecimentos exteriores vividos por um agrupamento humano em verdadeiras narrativas.

Acredito que a Antropologia Visual contribua com observações oriundas da sociologia alemã que vem, há muito tempo, afirmando que o pensamento científico compreende o mundo sempre através de figuras (Gebilden); é com tais formas que, como cientistas, atribuímos o título de objetos da ciência.¹⁸

Vistas sob essa ótica e configuradas em “formas intelectuais”, as narrativas etnográficas podem ser apreciadas também como forma de expressão de uma função fabulatória do pesquisador.

Finalmente, arrisco-me a dizer que é através do dinamismo intrínseco que preside a construção do conhecimento humano que opera a linguagem visual na narrativa etnográfica. Ou seja, tudo aquilo que é da ordem do visual em Antropologia se exprime, tanto pela intimação das impressões sensíveis do mundo exterior no interior da alma do cientista, quanto pela projeção do interior da sua alma sobre o mundo exterior.

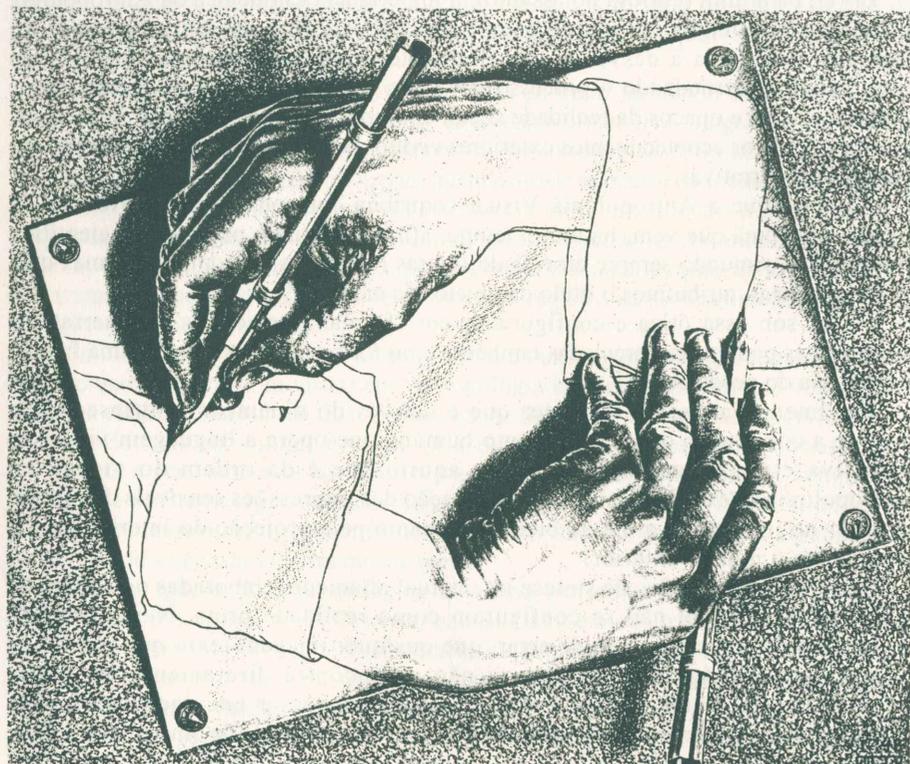
Portanto, construções de síntese intelectual altamente elaboradas no campo da Antropologia Visual não se configuram como realidade bruta. Nesse sentido, podemos afirmar, sem medo de errar, que qualquer imagem-texto que resulte da criação antropológica, com certeza não se encontra diretamente em nossa experiência de mundo. Mas nem por isso ela deve ser encarada como uma construção do intelecto humano que obedece à ótica distorcida de uma subjetividade “doente” ou “irracional”.

Eis por que, finalmente, deve-se ter mais claro que o tema em torno do qual gravita o campo de conhecimento da Antropologia Visual é eternamente a tragicidade da dimensão espiritual que incide sobre o ato de se captar e se registrar, objetivamente, um *perpetum mobile* de formas de vida humana em seu momento de “aparição”.

Para sugerir que não se pode negar o quanto o conteúdo intelectual do texto etnográfico está condenado ao mundo das formas, trouxe uma gravura de M. C. Escher - “Conflito entre superfície e espaço” - capaz de nos fazer refletir sobre o impacto da consciência imaginante na formulação intelectual do mundo (p.94).

Esta figura expressa claramente as leis universais da natureza do pensamento que rege a tensão constitutiva do gesto que “fabrica” o mundo. Ela faz com que nos questionemos se as imagens por nós registradas não serão, elas mesmas, “penetrações” no mundo que elas próprias constroem.

¹⁸ Refiro desde os precursores aos fundadores dessa linha de pensadores nas ciências humanas, tais como A. Schultz, G. Simmel, M. Weber, E. Cassirer, M. Scheler e W. Dilthey, entre outros.



Por uma Antropologia do Visual Contemporâneo

Carmen Silvia Rial¹

Resumo

Através da análise de imagens publicitárias das grandes cadeias de fast-food, reflete-se sobre as características das imagens contemporâneas interrogando-se sobre a possibilidade de significados ocultos ou se, como querem alguns, nelas a profundidade foi substituída pela superfície, descartando interpretações. Aponta-se para a centralidade da imagem na contemporaneidade, seu movimento de globalização, e a importância de uma Antropologia do Visual que atente para os artefatos produzidos pelo video-scape.

Abstract

Through the analysis of publicity images from the largest fast-food chains, we investigate characteristics images examining the possibility of hidden meanings, and asking if, as certain people would have it, the profundity of these images has been substituted by the surface, eliminating interpretations. We point out the centrality of images in contemporary culture, their tendency toward globalization, and the importance of an Anthropology of the visual that deals with artifacts produced by the video-scapes.

Inicialmente, quero agradecer à professora Cornelia Eckert, coordenadora dessa Jornada de Antropologia Visual, e dizer que essa iniciativa da continuidade a um processo que nós esperamos definitivo de implantação da Antropologia Visual no sul do País, nos programas de Pós-Graduação. Esta é a continuação de um diálogo que estamos tentando incrementar e que não tem-se limitado aos encontros esporádicos em congressos, chegando a estabelecer um intercâmbio em nível da produção dos textos audiovisuais.

O que distingue semiologicamente a imagem de outros tipos de objetos significantes e em especial da seqüência de palavras, que é o nosso recurso tradicional na

¹ Carmen Silvia Rial é professora de Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina.